

Prevenir condutas disruptivas no 1º Ciclo EB: Plano de Animação no recreio de uma escola portuguesa

Ernesto Candeias Martins

Instituto Politécnico de Castelo Branco Escola Superior de Educação

ernesto@ipcb.pt

Resumo:

Abordamos a intervenção socioeducativa em uma escola portuguesa (Agrupamento de Escolas -XJR), na cidade de Castelo Branco, com a aplicação de um Plano Estratégico de Animação no recreio para atenuar atos agressivos e indisciplinados dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico (3.º e 4.º ano). Este estudo de caso teve como objetivos: analisar os aspetos psicoeducativos e sociológicos das condutas disruptivas, prevenir o incumprimento da disciplina escolar, aplicar um plano estratégico de animação no recreio para desenvolver pessoal e socialmente os valores da convivência e da cidadania e estabelecer estratégias de mediação para os professores resolverem os conflitos. As técnicas de recolha de dados foram questionários (Pré e Pós-avaliação do Plano) aos alunos (n=62), professores (n=5) e assistentes operacionais (n=4), valorizando-se a eficácia do plano, observações, notas de campo e triangulação. Concluimos que há alunos que foram vítimas de agressão, pelo menos uma vez no ano escolar, mas esses atos diminuem com a escolaridade. O tipo das agressões comuns **são:** o empurrar, bater, magoar, chamar nomes, gozar ou caluniar sendo mais frequentes no recreio, corredores e escadas. O plano fez diminuir as agressividades e indisciplinas nos alunos, envolveu-os em atividades lúdicas e jogos e promoveu-lhes habilidades sociais de convivência e autocontrolo das emoções.

Palavras-chave: indisciplina escolar; condutas disruptivas; convivência social; animação; mediação educativa.

Questões de contextualização

O tema da indisciplina e violência escolar tem hoje em dia uma grande relevância ao nível da comunidade educativa, principalmente no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), já que o processo de socialização nas aulas e nos espaços educativos da escola mudou significativamente. É de suma importância estabelecer intervenções multifatoriais, programas de convivência socioeducativa e desenvolvimento pessoal e social dos alunos mediados pelos professores e pais/encarregados da educação, para que trave os conflitos existentes na realidade escolar, procurando, desse modo, soluções no âmbito da educação social. Em certa medida na escola refletem-se muitos problemas promovidos pela sociedade, gerados pelas crises económicas, sociais e familiares (PEREIRA; PINTO, 2001).

É evidente que a escola tem um papel muito importante no processo de socialização da criança, contribuindo para o seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo. Isso sem contar que sua interação com o meio escolar permite-lhe construir a sua identidade, aprender conhecimentos, adquirir normas e princípios morais e éticos. Entre os espaços escolares, o recreio, assume uma dimensão importante no processo de socialização da criança, pois é nele que as crianças brincam, jogam e interagem, desenvolvem as suas habilidades sociais e a convivência. Em geral são esquecidos ou pouco valorizados como momentos de aprendizagem, mas estes espaços garantem o direito da criança a brincar, criando condições para o seu desenvolvimento pessoal e social. Por isso, sendo o recreio um espaço livre, o qual as crianças gostam, a escola deve tudo fazer para que sejam espaços agradáveis e seguros, requalificando e orientando esses espaços para a promoção das competências pessoais e sociais e prevenindo situações de violência e indisciplina (VEIGA, 2001).

O presente estudo integra-se no “Projeto de Inteligência Emocional em alunos do 1.º CEB (turmas 3.º e 4.º ano) na região de Castelo Branco” do IPCB/ESECB e a Unex-GRESPE/Facultad de Educación (Badajoz), entre 2011-2015, na aplicação de um ‘praticum’ de educação das emoções. Dessa aplicação, observamos que nos espaços escolares cometem-se casos de indisciplina, agressões (físicas, verbais) e desrespeito pelas normas disciplinares. Por isso, quisemos desenvolver numa escola urbana do 1.º CEB, de um Agrupamento de Escolas XJR de Castelo Branco, no ano letivo de 2012-13, um programa estratégico em animação (PEA) para o recreio, como forma de prevenir muitas condutas ditas disruptivas. Os registos observacionais demonstraram (fase diagnóstica), que é no recreio que ocorre um grande número de situações de agressões, violência e indisciplina. Perante esta análise, formulamos o problema: Como prevenir situações de indisciplina e/ou agressividade no recreio, entre os alunos do 1.º CEB, numa escola urbana do Agrupamento de Escolas de Castelo Branco (XJR), através de um plano estratégico de animação (atividades lúdicas organizadas e supervisionadas).

São objetivos fundamentais do estudo: conhecer a existência de atos de indisciplina, incumprimento de normas escolares, violência e agressividade entre os alunos do 1.º CEB, analisar os aspetos psicoeducativos e sociológicos dessas condutas disruptivas, estabelecer intervenções e mediações para melhorar e prevenir esses atos de incumprimento da disciplina escolar, promover um plano estratégico de animação no recreio para desenvolver pessoal e socialmente os valores da convivência e da formação da cidadania nos alunos,

estabelecer um conjunto de estratégias de mediação para os professores enfrentarem e resolverem conflitos e indisciplinas entre os alunos.

As técnicas de recolha de dados utilizadas no estudo foram: questionário (Pré) aos alunos do 1º CEB (4.º ano) sobre a “Violência entre Pares”, adaptado de I. P. Freire e Veiga Simão (2006, p. 157-183), com aplicação em dezembro de 2012, questionários Pós-aplicação do Plano Estratégico de Animação (PEA) aos alunos 1.º CEB, professores e assistentes operacionais (aplicação em maio de 2013), observações (naturais, sistemáticas) durante aplicação do PEA e observação participante, aplicação do PEA no recreio (janeiro a maio de 2013), as notas de campo e a triangulação metodológica. Perante as situações de indisciplina no recreio (diagnóstico), delineamos um projeto de intervenção dirigido aos alunos do 1º CEB (3.º e 4.º ano) de uma escola urbana do Agrupamento de Escola (XJR), com o objetivo de prevenir comportamentos agressivos no recreio, por meio da dinamização de atividades lúdicas e de jogos que aumentem as competências sociais dos alunos, de modo que haja uma melhora nas suas relações interpessoais e de convivência. Definimos estratégias, que determinassem uma intervenção no recreio, com ações preventivas aos problemas relacionados com agressividade e indisciplina com o intuito de fazer com que os alunos se tornassem mais assertivos, responsáveis, solidários e felizes. Esses alunos não tinham atividade definida para ocupar os seus intervalos, usufruindo de um espaço de recreio mais ou menos favorável á prática de jogos, brincadeiras ou divertimentos. Após a intervenção do projeto, constatamos a sua eficácia (avaliação) com resultados positivos.

1 Enquadramento teórico-conceitual: indisciplina e agressividade escolar

“A escola é um espaço de socialização para as crianças e jovens, pois ela é um lugar para a aquisição de conhecimentos e um contexto de aprendizagem de competências, de relações interpessoais e de convivência social” (HABER; GLATZER, 2009, p. 11). Neste ambiente, os alunos aprendem a integrar-se em grupos, a aceitar as diferenças, gerir as motivações e comportamentos entre as pessoas e a partilhar com os outros 'alegrias', preocupações e interesses. “Socializando-se os alunos, solidificam-se as suas aprendizagens, favorecendo a construção da sua identidade, competências e o desenvolvimento cognitivo e social (habilidades)” (PEREIRA, 2002, p. 98-102). “Nesta vertente das diferenças, a escola atua no sentido de transmitir as suas regras, saberes e cultura, cria um “*habitus de classe*’ e uma cultura escolar própria” (SEBASTIÃO, 2010, p. 15-19).

A indisciplina no contexto de sala de aula e nos espaços educativos da escola obriga a escola e os professores a utilizar medidas de prevenção e intervenção, com recursos provenientes da sua experiência docente, crenças, intuições, procedimentos (técnicos) e sentido de comum, diante das características dos conflitos e dos problemas surgidos. Há alguma dificuldade em analisar os fenômenos de violência e indisciplina escolar, devido à imprecisão conceptual e à existência de categorias de comportamentos antissociais: disrupção nas salas de aula, recreios e outros espaços escolares; problemas de disciplina e incumprimento de normas na escola (conflitos); maus-tratos e danos materiais; violência física (agressões) e verbal; acoso; vandalismo etc. (CALVO; GARCÍA; MARRERO, 2005, p. 32-61). De fato, a disrupção constitui uma preocupação para os professores, quando desenvolvem e gerem o processo ensino-aprendizagem, já que têm que ter em conta as indisciplinas, desobediências, desrespeito e incumprimento das normas disciplinares, na sala de aula. Essas situações existiram sempre, mas têm mais relevância atualmente, devido às dificuldades de execução do processo de ‘aprendizagem’. Afalta de respeito e os problemas de disciplina, em forma de conflitos relacionais e de convivência, supõem condutas disruptivas na escola.”Trata-se de comportamentos que implicam atos mais ou menos agressivos ou violentos (insultos, desafios, enfrentamentos), que desestabilizam o quotidiano escolar” (DE LA MORA, 2003; RAMÍREZ, 2001).

É certo que a nossa cultura sempre se mostrou hipersensível às agressões verbais e insultos dos alunos entre pares, assim como há fenômenos tipicamente escolares que se categorizam como comportamentos antissociais, por exemplo, o absentismo que provoca problemas de convivência nas escolas. Na verdade, as condutas agressivas manifestam-se entre os alunos (*‘bullying’*) de forma intencionada e prejudicial, com abuso de poder, desejo de intimidar e dominar o outro colega (vítima habitual) (MÉNDEZ; CEREZO, 2010, p. 258-260). Há algumas técnicas de *‘peer nomination’*, de dimensão sociométrica, para avaliar a agressividade entre os alunos na escola, por exemplo, o *‘Teste Bull-S’*, em que se analisa a estrutura interna da aula/classe, definida nos critérios de aceitação/recusa, agressividade/vitimização e de apreciação de determinadas características pessoais associados aos alunos com tendências agressivas ou comportamentos antissociais (CEREZO, 2009).

Sabemos que a violência resulta de uma construção social e, por isso, há uma diversidade de definições, sabendo-se que se trata de um recurso à força (físico, verbal) para atingir o outro na sua integridade física e/ou psicológica. “A violencia retrata *“un comportamiento de agresividad gratuita y cruel, que denigra y daña tanto el agresor como a*

la víctima” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 20). Daí ser um fenómeno que transcende a ação individual, lesando tanto quem a exerce como quem é atingido. “Definindo-se pela intensidade e seriedade do dano causado, caracterizado pela sua dimensão descomedida. Os episódios de agressividade e violência escolar são prejudiciais ao desenvolvimento psicológico e ao bem - estar da criança contribuindo para um clima escolar menos saudável” (PÉREZ; POZO, 2007, p. 5-9).” Deste modo, o *bullying* surge como resposta à necessidade de se caracterizar o tipo de violência que ocorre entre pares. O aluno, vítima de *bullying*, fica exposto a ações negativas aumentando a probabilidade de inadaptação social e fracasso escolar” (ESTRELA, 2005, p. 10-18).” O que distingue o *bullying* de outros comportamentos agressivos é a intencionalidade marcada de fazer mal ao outro” (PEREIRA, 2002, p. 16-19). Podem-se identificar três tipos de principais de *bullying* o físico ou direto, o psicológico e o indireto. “O primeiro refere-se ao bater, pontapear, empurrar, roubar, ameaçar, brincar de forma rude e usar armas. O segundo ao chamar nomes, arrelhar, ser sarcástico, insultuoso ou injurioso, fazer caretas e ameaçar. O terceiro é o excluir alguém do grupo, embora seja uma situação menos comum” (ENGLANDER, 1997, p. 41-50).

“A indisciplina escolar é outro fenómeno no quotidiano da escola muito referido, pois constitui a transgressão das normas disciplinares, prejudicando a aprendizagem, o ambiente de ensino e o relacionamento entre os alunos” (VEIGA, 2001, p. 14-17). “Trata-se de um fenómeno relacional e interativo que se materializa no incumprimento das regras e no desrespeito de normas e valores da convivência escolar. O incumprimento, os conflitos, a desobediência e o desrespeito de normas e valores estão relacionados com os conflitos de poder” (CALVO; GARCÍA; MARRERO, 2005). Assim, podemos categorizar em: desvios ou incumprimento às regras da produção, abrangendo aqueles incidentes a que são imputados um carácter disruptivo, em virtude da perturbação que causam ao bom funcionamento da sala de aula (processo de aprendizagem); conflitos interpares, que abrange os incidentes e acidentes que se traduzem nas dificuldades de relacionamento entre os alunos da turma e os adultos, podendo traduzir-se também em fenómenos de violência escolar e *bullying*; conflitos na relação pedagógica professor-aluno, que integra comportamentos, que põem em causa a autoridade/estatuto do professor, abrangendo o vandalismo e a violência contra a propriedade (ENGLANDER, 1997; FISHER, 1994; ORTEGA, MINGUEZ; SAURA, 2005).

Desta forma, a violência pode ser entendida como uma reação de uma conduta agressiva. A agressividade enquanto conceito assume maior relevância, uma vez que é transversal a todas as outras definições de situações de violência na escola, encontrando-se

assim na raiz destas problemáticas. Neste sentido, a agressividade podemos traduzir como uma forma de conduta com o objetivo de ferir alguém, física ou psicologicamente. Nesse sentido, a agressividade pode ser explicada por diferentes modelos teóricos, assumindo uma preocupação com estas situações e, como tal, procuramos por justificações para estes acontecimentos tão negativos e dramáticos. Os modelos explicativos de agressividade se encaixam em dois grupos distintos: teorias ativas e teorias reativas. As primeiras admitem a agressividade como algo natural ao ser humano, encaixando neste grupo o modelo psicanalítico de Freud e a corrente etológica de K. Lorenz. Distinguem-se em três funções do comportamento agressivo: a repartição dos seres vivos no espaço disponível; a seleção efetuada pelos combates entre rivais e a defesa da prole. A agressividade é, pois uma forma de reagir à frustração, existindo assim um comportamento que pode causar danos nos outros (CALVO; GARCÍA; MARRERO, 2005, p. 43-68). “Quanto mais frustração existir maior será o comportamento agressivo, associando o grau de frustração á intensidade da agressão” (PEREIRA, 2002, p.10-12).

Todos os comportamentos são aprendidos, através de modelos agressivos (na família, escola, trabalho e nos media) e são produzidos pelos indivíduos mais expostos ou vulneráveis. Neste sentido, os meios de comunicação têm um papel de modelagem muito importante. Assim, as teorias explicativas da indisciplina e agressividade são fundamentais para compreendermos as situações de adaptação e de agressão. Contudo, a complexidade da agressividade, faz com que os fatores que a envolvem sejam diversos, pois ela está presente nas escolas, nos corredores, nas escadas, ‘hall’ de entrada e no recreio, que são espaços de evidência desses atos, razão pela qual é necessária uma intervenção efetiva, de modo que esses espaços fossem mais agradáveis e seguros para as crianças e para a sua aprendizagem (GOTZENS; BADÍA; CASTELLÓ; GENOVAR, 2003, p. 24-38).

Por conseguinte, o enfoque preventivo da disciplina escolar deve ser promovido com a aplicação de componentes psicopedagógicos, ou seja, perante a tolerância, o respeito, os valores cidadãos e a diversidade, transmitidos pelos professores, os meios de comunicação social, os videojogos, os filmes e determinados atos violentos entre os adultos mostram bem o outro lado antagónico de violência. Para fazer frente a estas situações as escolas criaram a mediação psicoeducativa, na figura de um professor ou técnico capacitado para intervir nessas situações de conflitos. Para além dessa mediação, propõem-se programas ou planos estratégicos de ação preventiva e de promoção da convivência cívica. Coincidimos com F. Cerezo (2009) e Gómez, Mirt y Serrats (2000) que há dois tipos de respostas educativas a

esses atos ou comportamentos: as respostas globais aos problemas de conduta disruptiva e conflitos entre os alunos CEB (prevenção primária), que assentam na necessidade de que a convivência (relações interpessoais, aprendizagem da convivência social) se converta numa questão central da escola (hábitos quotidianos democráticos presente no Projeto Educativo de Escola, as respostas específicas com programas de intervenção social escolar, para suprimir a indisciplina, o desrespeito pelas normas, as condutas agressivas, os comportamentos antissociais e outras manifestações de conflito (prevenção secundária).

2 O recreio escolar: espaço lúdico de socialização e convivência

As definições de recreios não diferem muito umas das outras, Pereira, (2002, p. 113) frisa que “o recreio apresenta uma dupla valência: tempo e espaço”. Muitas vezes o recreio é usado como um espaço de atividade livre, onde as crianças podem 'correr', 'saltar', 'jogar', 'lanchar', 'conversar e brincar' e, outras vezes, como tempo ou período de paragem das atividades curriculares. Ou seja, o recreio é um período de tempo de mudança e interrupção, em que as crianças estão ao ar livre. É evidente que a necessidade do recreio para os alunos é indiscutível. De facto, o aluno passa grande parte do seu tempo na escola, estabelecendo relações com os colegas, o pessoal docente e não docente (MALUF, 2009). É no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e onde se realiza outras aprendizagens.” Historicamente os recreios nas escolas primárias “eram locais onde se aprendiam numerosos jogos: as rodas cantadas; os jogos tradicionais como a macaca, o peão, o espeto, o esconde, o caça; os jogos de corrida e perseguição e os jogos de bola individuais, com lenga-lengas, e de equipa como o mata” (PEREIRA, 2002, p. 108). Muitos destes jogos não são praticados com muita frequência, dependendo do incentivo dos professores. Este espaço físico foi melhorando ao longo do tempo, no entanto continua não haver apoio à realização dos jogos, nem orientação ou dinamização do recreio. As crianças são deixadas sozinhas e as suas dificuldades em se organizarem e a falta de hábito de o fazerem vão-se avultando (RAMIREZ, 2001).

Por outro lado, são no recreio que também existem mais situações de conflito entre os alunos. (OLWEUS, 1993). Esta situação tem efeitos a longo e a curto prazo nas crianças e, por isso, é cada vez mais relevante a 'intervenção preventiva', pois esta é sempre a melhor solução para os problemas presentes e futuros. O apoio e a atenção aos alunos são fundamentais e podem fazer a diferença entre um recreio espaço de lazer, liberdade, respeito,

alegria e amigos ou de um espaço de terror, opressão e agressividade, tristeza e solidão. E, nesse sentido, pode considerar-se que a supervisão do recreio é essencial para diminuir atos de indisciplina e agressividade que acontecem. A maioria das crianças gostam do recreio e utilizam-no de forma a satisfazer as suas necessidades e a dos outros. No entanto, algumas das crianças usam da violência, agredindo, dessa forma, os colegas, os adultos, as estruturas e os materiais, ou seja, são recreios em que as crianças não têm brincadeiras interessantes para realizar. Assim, notamos que estes maus comportamentos podem estar associados a maneira equivocada em que os intervalos estão sendo disponíveis para os alunos. Se a agressão entre pares é muito mais frequente nos recreios do que em qualquer outro espaço, então, mais importante é a recriação destes espaços na escola. Dessa forma, é imprescindível que se tenha uma disposição de materiais no recreio, para que os alunos se unam em torno de objetivos comuns, partilhem jogos e brincadeiras, permitindo a sua ocupação. A vantagem da supervisão determinou maior organização nos alunos (grupos) na realização dos jogos e brincadeiras, evitando desta forma o seu isolamento e situações de conflito.

Metodologia empírica

Buscamos uma investigação qualitativa (investigação orientada à prática), de um estudo de caso exploratório, descritivo e interpretativo, inserido na modalidade de investigação-ação (Plano Estratégico de Animação - PEA), com o intuito de promover melhores relações de convivência e formação para os valores cívicos e sociais. Tratamos de um estudo de caso exploratório, descritivo e interpretativo de uma escola, a qual aplicamos o PEA no recreio dos alunos, seguindo dos procedimentos éticos e legais na sua realização.

2.1 Os sujeitos envolvidos e as técnicas

A escola urbana de estudo, na cidade de Castelo Branco (XJR), garante no contexto do seu Projeto Educativo, uma intervenção (GAAF=Gabinete de Apoio ao Aluno e Família), tendo como base: a promoção no sucesso educativo dos alunos, a mediação dos conflitos escolares, a melhora nas relações interpessoais entre os alunos e a comunidade escolar, a promoção da participação da família. Assim, foram sugeridas diferentes intervenções, visando as problemáticas e as necessidades do contexto escolar da escola em que os sujeitos envolventes no estudo foram agrupados nas seguintes amostras: alunos (n=62), a ‘população escolar alvo’ de alunos de 3º e 4ºano das turmas do 1.º CEB, sendo 45% de crianças do sexo masculino e 55% de crianças do sexo feminino, professores (n2=5) das

turmas dos anos escolares envolvidos no estudo (todas do sexo feminino), incluindo a professora de apoio com uma média de anos de serviço na profissão entre os 10 e 15 anos, auxiliares operacionais (n3= 4), todas com mais de cinco anos de serviço na escola.

Previamente administramos, em dezembro 2012, um “Questionário para o estudo da violência entre pares” aos alunos do 1.º CEB (3.º e 4.º ano), quando o mesmo instrumento tinha sido aferido e adaptado para alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico (FREIRE; VEIGA SIMÃO, 2006). O referido instrumento contém quatro blocos de itens (total 26 itens), sendo o primeiro relacionado com variáveis de identificação que pretendeu recolher as opiniões dos alunos sobre tipologia das agressões, vítimas dessas situações, espaços comuns desses atos, aspetos da sua vida escolar e relações interpessoais. Posteriormente, utilizamos a observação natural dos alunos no recreio (grelha), ao longo da aplicação do PEA, com dez itens de registro (escala nominal), relacionados com os espaços/materiais lúdicos, espaços com ou sem cobertura e de descanso, espaços para a prática desportiva, prática de jogos (tipo), alunos isolados e entre outros. Após a aplicação do PEA, que teve como intuito avaliar a intervenção de animação no recreio, aplicamos questionários (Pós) para os alunos (dez itens de respostas na escala nominal, intervalos e mistas), para os professores (cinco questões) e para as assistentes operacionais (sete questões), os quais haviam distintos tipos de respostas, tais como: nominal, aberta e de intervalo. Desse modo, estes instrumentos foram submetidos à validação pela técnica dos três juízes. Pretendemos, nestes questionários Pós, recolher a opinião dos envolvidos sobre a eficácia do PEA. Os resultados foram tratados e triangulados e o processo de avaliação foi registrado em notas de campo, registros observacionais e questionários, de forma ‘*on-going*’ e ‘*ex-post*’, com a participação da técnica do GAAF (localizado na sede de Agrupamento de Escola XJR) ao longo da intervenção do PEA.

Foram cumpridos os procedimentos legais e éticos e de aplicação dos instrumentos de estudo.

2.2 Plano Estratégico de Animação (PEA) no recreio

O plano de intervenção proposto pretendeu uma atuação de animação no recreio para prevenir a agressividade e atos de indisciplina. Fizemos o diagnóstico e identificação dos problemas de maior relevo e, portanto, desenvolvemos a estrutura do projeto. De acordo com os dados recolhidos, na fase observacional de diagnóstico (observação aos documentos de direção de turma), estabelecemos duas prioridades de intervenção para o grupo alvo (alunos

do 1ºCEB do 3º e 4º ano) que frequentam aquele espaço escolar, uma vez que, não havia atividades organizadas: operacionalização de um projeto de intervenção e respectiva avaliação com base nos objetivos definidos. As finalidades indicam a intenção de intervenção e a sua contribuição na solução de um problema identificado ou de uma situação que é necessário mudar. O objetivo principal do projeto foi o de melhorar as relações interpessoais dos alunos, prevenindo as práticas agressivas e indisciplinadas no recreio escolar e, ainda, o de estabelecer uma convivência social e cívica. Este objetivo teve a circundá-lo outros objetivos operativos: promover a dinamização de atividades lúdicas diversas, incrementar a supervisão do espaço de recreio com a ajuda dos assistentes operacionais/técnicos, facultar brinquedos/jogos atrativos aos alunos, desenvolver as competências sociais e pessoais, através do jogo e/ou atividades estruturadas, proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento pessoal e social de cada aluno, criando-se, desse modo, um clima de compreensão, respeito e aceitação de si mesmo e dos outros com o controle dos seus ímpetos e emoções.

Neste sentido, a avaliação de uma intervenção nos recreios foi feita com rigor, através de técnicas e instrumentos de pesquisa, fazendo uma análise dos dados recolhidos, a triangulação e o contributo das notas de campo e observações participantes. Da análise das várias técnicas com a ajuda da teoria fundamentada, aplicamos estratégias de intervenção para se modificar a situação, criamos um Plano de Intervenção' (objetivos, estratégias, recursos, atividades, calendário e avaliação) para a execução de todos os intervenientes. Esta dimensão intuitiva e sistêmica da investigação-ação permitiu uma maior interação de interpretação entre teoria e a prática, na base das finalidades e funções: investigação, ação e mudança (melhoramento da prática). A metodologia seguida constou com diagnóstico, planificação e execução do PEA, análise e interpretação reflexiva dos dados, ou seja, numa fase prévia à intervenção (observações, planificação do plano e calendário), fase de execução do plano e fase avaliativa da intervenção.

A intervenção de animação nos recreios foi programada a partir da dinamização de atividades/jogos durante o intervalo da manhã (10h30 às 11h) e à hora de almoço (13h às 14h) dos alunos do 1º Ciclo, que almoçam no Agrupamento. Estas atividades/jogos dinamizados tiveram como objetivo principal estimular a aprendizagem de comportamentos sociais adequados à convivência. A supervisão e atitude interventiva, por parte dos auxiliares ou técnicas de educação, proporcionaram um ambiente mais seguro e organizado. A diversidade de escolha de atividades para cada aluno permitiu que cada um escolhesse a sua brincadeira/atividade ou jogo contribuindo para a sua socialização. Privilegiamos o jogo,

enquanto meio e espaço de cooperação/interação social, solução de problemas e estabelecimento de regras.

As estratégias selecionadas para a operacionalização do PEA foram: programação de atividades/jogos a realizar semanalmente (de forma a existir atividades/jogos diferentes ao longo da semana); Construção de kits lúdicos (sacos de brinquedos com cordas de saltar (4), elásticos (3), diabolôs (4), bilboquês de garrafa (3), peões (6) e berlindes (2 caixas com 20 cada) – os Kits podem ser reforçados com novos materiais tendo em conta as necessidades sentidas. Todas estas atividades foram realizadas no tempo de recreio em parceria com outros professores da escola. Avaliação do projeto realizada no fim do ano – letivo de 2011-12.

Caracterizamos o recreio, estabelecemos às estratégias de intervenção e o plano de atividades, efetuadas semanalmente de acordo com os recursos disponíveis, as áreas de trabalho com os alunos, e também as suas preferências. As atividades/jogos foram diversificadas de forma a se trabalharem as competências pessoais e sociais dos alunos e motivá-los a participação. O projeto durou quatro meses, tendo início em janeiro até início de maio/ 2012, com as respectivas interrupções letivas (Carnaval e Páscoa).

Seguimos o protocolo do projeto, informando os professores e encarregados de educação das atividades que deveriam ser realizadas pelos alunos. A intervenção começou com jogos coletivos ou de grupo, durante as primeiras duas semanas, detectamos as preferências dos alunos por brinquedos e brincadeiras para o recreio e o tipo de atividades que gostariam de realizar. Os alunos além de realizarem as atividades/jogos organizados, podiam utilizar diariamente os kits com os brinquedos. O número das atividades planificadas dependeu da disponibilidade dos materiais no recreio e do seu espaço (exterior), em tempo de intempérie. A avaliação foi baseada em registros diários (grelhas e notas de campo) fruto da observação participante e acompanhamento e, ainda, de inquéritos por questionário. Os registros avaliaram cada atividade/jogo realizado, ou seja, indicou o número de alunos participantes e se nesse dia houve utilização de kits.

3 Análise aos dados do questionário de violência entre pares

Analizamos o questionário sobre a “Violência entre pares” aos alunos do 1.º CEB da escola urbana XJR, aplicado exclusivamente a alunos de 3.º e 4.º ano (n1=62), que foram

os sujeitos da amostra de aplicação do PEA, com as seguintes conclusões em função das variáveis de estudo:

❖ -‘*Tipologia das agressões*’. A mais comum das agressões são as ‘Físicas’ com os respectivos indicadores (empurrar, bater, brigar, etc.). Constatamos que nas turmas do 3.º ano CEB prevalecem mais as agressões que nas turmas do 4.º ano, principalmente nos indicadores ‘bater’, ‘chamar nomes’, ‘empurrar’, ‘conflitos com zangas’. A maioria destes tipos de agressões na escola XJR acontecem no recreio, nos corredores, espaços de educação física, escadas, hall de entrada e no refeitório.

❖ -‘*Tipo de Agressão*’ mais comum é a ‘Física’ (‘bater’, ‘apalpar’, ‘empurrar’), o que coincide com as preocupações do desenvolvimento cognitivo e moral. É curioso que nesta agressão física o ‘apalpar’ se deve ao fato das preocupações inerentes ao desenvolvimento da sexualidade. Seguiu o tipo de agressão verbal com o ‘chamar nomes’, ‘gozar/humilhar’ ou ‘chatear’ e, ainda o tipo de agressões indiretas, com predomínio do caluniar e ‘brigar’ (zangas). A maioria dos alunos não faz nada de efetivo para acabar com a situação de agressão. (QUADRO 1).

Quadro 1 - Tipo de condutas agressivas, pela percentagem de ocorrência e evidências

Tipo de condutas agressivas	% de Ocorrência	Evidências ou formas Manifestação (%)
Físicas (diretas)	40%	‘Apalpar’ (35%); ‘empurrar’ (25%); ‘magoar - sem querer’ (20%); ‘bater’ (15%), etc.
Verbais	38%	‘Chamar nomes ofensivos’ (44%); ‘Humilhar/gozar’ (20%), ‘chatear’ (15%), etc.
Indiretas	22%	‘Caluniar’ (40%), ‘excluir’ (20%) ‘Fazer intrigas/zangas’ (35%)

❖ -Existe um elevado número de alunos vítimas de agressão, uma vez que no questionário de autor relato 45% dos alunos refere ter sido vítima de agressão, pelo menos uma vez, no lapso de tempo estabelecido no questionário (desde setembro a dezembro).

❖ - ‘*Ocorrência dos atos de agressão*’. Nesta escola XJP as agressões são ‘*Ocasionais*’ (92%), originadas de déficits de autocontrolo emocional, falta de empatia entre pares, atos impulsivos, tendência ao incumprimento de normas de disciplina e respeito

(cometem atos intencionais). A percentagem de alunos que se assume como agressor é relativamente elevada (20%), existindo mais agressores masculinos do que femininas (55%).

❖ -‘*Agressão continuada -bullying*’ é baixa, já que só 19% dos inquiridos sofreram no máximo três agressões no ano letivo anterior, o que confirma valores coincidentes com o estudo comparativo entre Portugal e Espanha, divulgado na 4ª Conferência Mundial sobre Violência Escolar e Políticas Públicas, que decorreu na Fundação Gulbenkian, em 2012, o qual foi realizado a partir de um questionário a 1233 crianças entre os 7 e os 13 anos de oito escolas de Lisboa e de Sevilha. Dessas crianças inquiridas, 17,7% diziam que eram agredidas com frequência e 42,1% foram vítimas pelo menos com um ou dois comportamentos agressivos.

❖ -A maioria dos alunos não faz nada de efetivo para acabar com situações de agressão, indisciplina, desobediência, contudo há 45 % de alunos que reagem de forma adequada e tomam consciência dos atos que praticam ou das infrações.

❖ -Atitudes das ‘*Testemunhas da agressão*’. Cerca de 45% alunos, que presenciam as ‘agressões’ têm uma ‘atitude adequada’. Neste caso a atitude mais comum nestes casos é “*Pedir ao agressor para parar*” (22%), ‘*apoiar o agredido*’ (15%) e a menos comum é “*Recorrer a um adulto*” (auxiliar, professora) (8%). Os restantes 55% têm uma ‘*atitude inadequada*’ quando presenciam a agressão, ‘*não fazer nada*’ (31%), afastar-se/fugir (12%), rir-se (8%) e a menos comum é “*Aproximaram-se para ver*” (4%). Apenas 8% dos adultos tomou conhecimento das agressões.

❖ -‘*Espaços com tendência à agressividade*’. O recreio é o local escolar onde ocorre o maior número de agressões e ‘*brigas/zangas*’ entre alunos (52 %), seguido nos espaços de educação física (7%), nos corredores (6%), nas escadas e casas de banho (6%), etc.

Por último, o mau comportamento ou as condutas disruptivas com as suas finalidades são devido a um conjunto de propósitos dos alunos, que vão desde atos incômodos (estar constantemente a falar, levantar-se sem autorização, movimentar-se etc.), a atos desafiantes (condutas irresponsáveis, desobediências, etc.) até à falta de atenção ou concentração. Todas estas manifestações estão resumidas no QUADRO 2:

Quadro 2 - Propósitos do mau comportamento dos alunos e as suas manifestações/evidências

Propósitos dos maus comportamentos das indisciplinas dos alunos	Evidências das condutas (manifestações)
Chamar a atenção dos adultos e pais/encarregados de educação	Palhaçadas, travessuras, instabilidade na sala de aula (cadeiras), representações, desordem, timidez, temor, falta de concentração, nervosismo, ansiedade etc.
Manifestação de poder	Desobediências, desafiar os adultos, zangas, hábitos inadequados, mentir, expressões faciais e corporais, obstinações, autoritarismo etc.
Desejo de vingar-se ou causar dano ao ‘outro’	Comportamentos indisciplinados/incorrectos; Comportamentos violentos, antissociais e agressivos para com os seus pares e outras pessoas; Saltar as regras/normas (incumprimento).
Mostrar certas incapacidades	Indolências, estupidez simulada, inadaptação, Passividade, desinteresse pelas coisas etc.

Assim, as condutas disruptivas têm diferentes graus de gravidade, sendo classificadas em ‘Normas’ (incumprimento), ‘Tarefas/deveres’ (não realização), ‘Respeito aos colegas’ (agressões físicas, verbais e indiretas) e ‘Respeito aos professores/assistentes’ (adultos) ao não acatar as ordens, a forma de relacionar-se, de falar sem respeitar com o outro, levantar-se ou movimentar-se e entre outros. Deste modo, as estratégias a adotar são, por exemplo: situar o problema ou conflito na conduta do aluno (fatores, circunstâncias e história individual), flexibilidade da disciplina (ajustar-se ao caso e às circunstâncias e às necessidades de contexto), apoio na intervenção e seguimento (professores, auxiliares, técnicos do GAAF, reconhecimento das possibilidades de intervenção (mediação) distinção dos comportamentos perturbadores dos alunos indisciplinados dos desobedientes ou indisciplinados esporádicos, nas práticas negativas eram solicitadas ao aluno o autocontrolo, a privação de estímulos desagradáveis (recreio), autoanálise das consequências, a exclusão sistemática do aluno das atividades com conhecimento ao encarregado de educação (comunicação na caderneta de comportamento), advertências e aplicação consistente de mudança de lugar; estabelecer pautas com reforços (prêmios) ou recomendações e entre outros.

Por último, os alunos consideraram que os recreios seriam mais atrativos com atividades mais diversificadas nas quais eles gostassem, com a possibilidade de existir jogos e

brinquedos no período de interrupção, na parte da manhã ou no período de almoço (para os que comem na cantina/refeitório). Esse indicador é bastante referido pelos alunos (85%), já que proporcionaria uma ocupação voluntária desse tempo e a possibilidade de escolher o que querem fazer, além de promover o trabalho em grupo, o espírito de entre ajuda, de partilha e entre outros.

4 Interpretação avaliativa ao PEA

Efetuamos a análise aos distintos questionários relacionados com a avaliação à intervenção Pós- PEA aos diversos sujeitos. Analisamos as questões formuladas em cada uma das amostras.

Questionários Pós-PEA aos alunos (n1=62), nas questões seguintes:

Questão -“*Como te sentes no recreio?*”, 66,7% dos alunos respondem “Muito feliz”, 28,3% “Feliz” e apenas 5% dos alunos responde “Mais ou menos feliz”. Não há alunos que tenham respondido “Infeliz”. Podemos inferir o resultado positivo da intervenção, pois mais de metade dos alunos estão “Muito felizes” no recreio. Mesmo que os recreios sejam quase sempre o momento preferido dos alunos na escola, por vezes, este espaço oferece alguns problemas relativos as situações de violência, indisciplina e conflitos entre pares, que no caso destes alunos não assumiam gravidade, pois nenhum dos alunos está “Infeliz” e apenas uma pequena minoria refere “Mais ou menos feliz”.

Questão -“*Quantas vezes aconteceu ficares sozinho no recreio, porque ninguém queria brincar contigo?*”, mais de metade dos alunos, 56,7% responderam que nunca ficaram sozinhos e apenas uma reduzida percentagem de 1,7% referiu que está sempre sozinho no recreio. Não é comum observar alunos sozinhos no recreio. Contudo, há um ou outro aluno que por diferentes motivos têm mais dificuldade em interagir com os colegas.

Questão -“*Costumas participar nas atividades que as professoras fazem no recreio?*” Ao avaliar a participação das crianças nas atividades, cerca de 26,6% dos alunos referiu que sempre participam. Situação esta que vai de encontro aos registos realizados diariamente em que a média de alunos que participam das atividades vão de 15 a 30 alunos. Entretanto, há atividades ocasionais que envolvem mais alunos (por exemplo: prenda do dia da mãe, jogos de equipas, pintura de vasos, construção do saco para o dia dos bolinhos, construção de imanes, pinturas de natal, entre outros...). Um total de 58,4% dos alunos

afirmaram que ‘participam às vezes’ das atividades, 13,3% referiram que ‘participam pouco’, e 1,7% dos alunos disseram ‘nunca participar’.

Questão - “*O que pensas das atividades que se fazem no recreio com as professoras e auxiliares*”, 63,4% das crianças respondem “Gosto muito” 28,3% dizem “Gosto”, 3,3% referem “Mais ou menos” e apenas 5% dos alunos frisaram não gostar das atividades realizadas. Houve um pequeno grupo de alunos (rapazes), que raramente participam nas atividades, pois preferem jogar bola. Esta realidade pode justificar a percentagem dos 5% dos alunos que frisa não gostar das atividades do plano, bem como uma pequena percentagem de 1,7% de alunos que disseram ‘Nunca participar’ nas atividades.

Questão – “*Caracterização do espaço recreio*”. Os alunos consideram ter muito espaço para brincar quando está bom tempo (96,7% de respostas “Sim”), porém, quando chove, os alunos consideram que não tem espaço para brincar (81,6% de respostas “Não”). Esta situação é justificada pelo fato de não existir no recreio telheiros e, desta forma, os alunos estarem nos corredores. Assim, por ser um espaço pequeno, as atividades dos alunos ficam condicionadas ao espaço existente. As condições físicas do recreio têm muita importância para as crianças, e por isso é importante que as escolas tentem de alguma forma adaptar o espaço às necessidades destas. Podemos inferir que o fato do espaço físico não ter as condições desejadas, não é um impedimento para que as crianças se sintam bem e sejam felizes. Quase todos os alunos inquiridos (88,3%) gostam mais do recreio. Este ano relativamente ao ano passado apenas 11,7% consideraram que preferiam o recreio do ano anterior. São muito positivos os resultados obtidos, já que, por ser o espaço físico um fator importante, a disponibilidade de brinquedos, a diversidade de atividades e jogos fez com que os alunos gostassem daquele e valorizassem a intervenção. Os motivos que alegaram os alunos por gostarem mais do recreio foi o fato de “*Há mais brinquedos na escola*” (51,7%) e facilita o bem-estar das crianças.

Questão - “*No recreio já algum colega te tentou fazer mal?*”, 33% dos alunos responderam ‘Sim’. Quando se perguntou quem os agrediu 50% dos alunos respondem que eram colegas da mesma idade e os restantes 50%, afirmaram que foram agredidos por colegas mais velhos. Apesar da vigilância existente no recreio, das atividades e brinquedos proporcionados, as situações de conflito e agressividade entre pares continuaram presentes, mesmo que em poucos casos, o que implicou que o recreio, de fato, é um espaço propício à agressividade. Apesar do plano só se ter realizado em um semestre foi visível que os comportamentos agressivos e condutas disruptivas dos alunos ficaram circunscritos à

intervenção. No entanto, a forma como as crianças se referem ao recreio confirma que essas situações são pontuais e têm poucas consequências negativas, tendo em vista que todos estão felizes no recreio.

Questão - *“Quando há algum problema no recreio tens alguém a quem te dirigires?”*, Quase todos os alunos afirmam que sempre têm alguém a quem pedir ajuda (91,7%). Quando se coloca a questão com mais de uma escolha, *“Se respondes-te sim, a quem?”* os alunos responderam: 71,6% recorrem às auxiliares; 40% recorrem aos “colegas”, seguido das professoras do recreio (23,4%) e, por último, recorrem a “outros” (3,3%). É visível que, as assistentes operacionais assumem um papel muito importante na escola, pois são elas que estão presentes em todos os recreios e durante o almoço. Isso sem contar que a relação que estabelecem com os alunos é de segurança e confiança. Consideramos importante frisar que as “professoras”, não estão com os alunos em todos os recreios diários o que justifica a porcentagem apresentada. Confirmamos a consideração de que os alunos dão ao grupo de pares na ajuda e na resolução de conflitos, o que revela a importância que os alunos dão às amizades e as suas relações.

Questionários Pós-PEA às professoras (n2=5).

Questão - *“O plano foi globalmente eficaz”*, três dos professores consideraram “muito”, e um professor considerou “razoavelmente”. Desta maneira, convém dizermos que raramente os professores estavam com os alunos durante o tempo de recreio, e, portanto estes não são observadores diretos do trabalho desenvolvido com os alunos neste momento.

Questão - *“Considera que o recreio é um contexto importante para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais das crianças?”* Todos os professores responderam: ‘Sim’, justificando de formas diferentes: *“é um espaço privilegiado de convivência social”* (P2), *“de interação das crianças”* (P3), *“podem forma-se grupos e praticar jogos”* (P5).

Questão - *“(…) a diversidade de atividades organizadas bem como e a existência de materiais lúdicos no recreio são um meio importante para promover um espaço de socialização promotor de bem-estar nas crianças?”* Todos os professores respondem ‘Sim’, insistindo na importância da orientação para evitar situações de conflito no recreio (estratégias de prevenção).

Questão - *“Das atividades existentes na escola que visam a prevenção das práticas agressivas, em sua opinião quais têm mais importância?”* Quatro dos professores

consideraram de grande importância as atividades no recreio organizadas por técnicas e, apenas um professor, disse ser mais importante a dinamização de espaços como a biblioteca e a ludoteca.

Questão “*Continuidade do PEA no próximo ano letivo*”. Todas as professoras consideraram muito importante a continuidade do PEA, entretanto, as justificações se divergiram: “*devia estender-se aos diferentes estabelecimentos de ensino*” (P1); “*os alunos precisam de orientação, visto que tudo o que vêm na televisão... pode transmitir vontade de experimentar determinadas atitudes pouco próprias*” (P3); “*Deverá haver continuidade desta ação*” (P4);” Resultou positivo” (P2, P5).

Relativamente à análise global dos questionários das professoras, podemos constatar que as opiniões são todas muito positivas, confirmando que o PEA foi benéfico. Todavia, os critérios apontados para avaliação são diferentes dos critérios apontados pelos alunos. Os aspetos mais destacados relacionam-se com a prevenção de comportamentos agressivos, indisciplinas, orientação no jogo, cumprimento das regras, motivação e a convivência social entre os alunos. Por esse motivo que as professoras consideraram importante a continuidade da intervenção.

Questionários Pós-PEA às assistentes operacionais (n3=4)

Em relação à análise dos questionários às assistentes operacionais Pós-PEA, concluímos que as docentes consideraram o plano estratégico de animação de recreios ‘muito importante’ (resposta à questão 1). Assim sendo, a mesma percentagem de funcionárias diz ser importante existir brinquedos, jogos e atividades no recreio (resposta à questão 2), justificando com as seguintes narrações: “*desenvolvem comportamentos mais saudáveis*” (AO1); “*evitam brigas e agressões*” (AO2); “*estão mais ocupados a jogar*” (AO3); “*gostam de brincar em grupo*” (AO4).

Sobre a utilização de brinquedos no recreio (questão 3), metade das assistentes afirmaram que os brinquedos são utilizados pelas crianças “*Sempre*” e a outra metade respondeu “*Às vezes*”. Relativamente, se os brinquedos e as atividades podem ser um meio eficaz na prevenção da agressividade (questão 4), todas as assistentes responderam que “*Sim*”. Nas questões “*a ação tornou o recreio mais interessante e promotor de bem-estar das crianças?*” (Questão 5) e se “*houve uma evolução do comportamento dos alunos ao nível da capacidade de se organizarem para o jogo e de se relacionarem entre si?*” (Questão 6), todas as assistentes disseram que ‘*Sim*’ em ambas as questões, o que prova que o PEA teve efeitos

imediatos na melhoria do relacionamento interpessoal dos alunos no recreio. Em relação à questão 7 - “*Considera pertinente a 'continuidade desta ação' no próximo ano letivo*” todas as assistentes responderam que “Sim” deveria continuar. Essas assistentes operacionais pouco a pouco começaram a ser mais participativas, dado que antes do PEA não realizavam nenhuma atividade com os alunos. Notamos mais dinamismo e interação com os alunos (saltar a corda, participar e organizar jogos de mesa etc.). Percebemos que o trabalho dessas assistentes é facilitado com a intervenção realizada no recreio, possibilitando que os alunos estejam ocupados e motivados com novas atividades ou jogos, diminuindo, desse modo, os conflitos.

Os alunos quando não tinham brinquedos e sem atividades definidas, começaram a propor e a sugerir atividades e, inclusive a repetir algumas já efetuadas, uma vez que houve um constrangimento temporal na duração do plano. Observamos uma reorganização gradual na forma como estes se comportavam no recreio: se organizando em grupos e praticando jogos com os materiais disponíveis. Apesar disso, por vezes, aconteceram alguns atritos durante o decorrer de algum jogo relacionado com a vez de jogar, não deixar jogar, o fazer batota entre outros (emotividade não controlada). Também visualizamos uma gradual reorganização e diversidade das atividades realizadas nos recreios, pois mesmo sem uma intervenção direta dos técnicos, eles começaram a repetir autonomamente algumas atividades em equipe, definindo regras, organizando e jogando. Os jogos/atividades que se repetiram mais no recreio foram: saltar a corda em grupo, jogo do berlinde, jogo do elástico, jogo da peteca e entre outros. As crianças mostraram uma grande capacidade de se organizarem e realizarem jogos em pequenos grupos. Foram visíveis pequenos conflitos entre os alunos que eram resolvidos de imediato com instruções ou sugestões, adotando os alunos atitudes assertivas com os colegas. Os motivos que levaram os alunos a ter estes comportamentos agressivos foram alguns conflitos relacionados com a ordem de jogar e com o incumprimento das regras. A reação dos alunos nessas situações foram na maioria das vezes ‘Chamar nomes’ e ‘Empurrar’. Contudo, depois eles começaram a aceitar gradualmente e, de forma natural, as regras dos jogos/atividades, obtendo atitudes mais adequadas com os colegas.

A avaliação efetuada diariamente permitiu fazer o balanço da intervenção. Sendo esta realizada levando em conta o número de participantes e empenho na realização da atividade-jogo. Os registos apontaram para um elevado número de intervenções avaliadas com “Muito bom”. Confirmamos que os jogos, as atividades e os materiais são importantes para desenvolver competências pessoais e sociais e na relação uns com os outros (habilidades sociais e convivência). Não houveram alunos infelizes no recreio, pois mais de metade dos

alunos (fr.= 41)” são felizes” e os restantes “mais ou menos felizes” e, por isso praticamente a totalidade de alunos gostaram mais do recreio do que o do ano anterior. Desta forma, podemos considerar que o recreio desta escola, apesar de não usufruir das condições físicas mais favoráveis, responde às necessidades dos alunos.

Convém frisarmos também que 33% dos alunos disseram que os colegas tentaram fazer mal, o que demonstra que o recreio é realmente um espaço propício para os comportamentos agressivos entre pares, por mais que exista intervenção e vigilância. O papel das assistentes operacionais na resolução desses problemas relacionados com brigas e conflitos é importante, dado que os alunos recorrem a elas quando têm problemas.

(IN) Conclusões

A intervenção realizada com os alunos de 1º Ciclo (3º e 4º anos que estavam implicados no programa de Inteligência emocional a decorrer em contexto de sala de aula) do Agrupamento XJR teve como principal objetivo a dinamização do recreio (animação) de manhã e meio dia (hora de almoço), através de atividades, jogos e brinquedos para atenuar e prevenir a agressividade, brigas e zangas no meio escolar. A possibilidade de haver essa animação ‘com’ e ‘para’ os alunos proporcionou a ocupação voluntária daqueles espaços na interrupção letiva e ainda deu a possibilidade de escolherem o que eles queriam fazer, impulsionando o trabalho em grupo, o espírito de entre ajuda, a partilha, a cooperação e o desenvolvimento da autoestima, principalmente nos alunos mais tímidos. Neste sentido, o PEA, mesmo reduzido a um período curto de execução, procurou desenvolver as potencialidades do recreio, enquanto espaço privilegiado de atuação ao nível da prevenção dos comportamentos agressivos e de aprendizagens não formais dos alunos, ou seja: convertemos o recreio dos alunos num ambiente mais agradável, valorizamos educativamente o espaço, promovemos jogos, atividades lúdicas e brinquedos, de forma que pudéssemos melhorar as relações interpessoais. A eficácia do PEA foi muito positiva, tal como confirmaram os dados dos diferentes sujeitos envolvidos (alunos, professoras e assistentes operacionais). Percebemos os pontos de vista avaliativo dos alunos sobre a intervenção realizada e, também, a avaliação positiva feita pelas assistentes operacionais e professoras que diariamente acompanharam aqueles alunos no recreio.

A intervenção nos recreios para prevenir a agressividade é importante nas escolas. Tendo em vista que se os alunos estiverem ocupados com atividades que os motivem, eles se

sentiram melhor com eles próprios e com ‘Outros’ reduzindo os conflitos, as agressões ou brigas. Cremos que uma adequada intervenção social escolar deve ser baseada em novos planos, que melhorem os espaços e o contexto escolar dos alunos (PUJOLÀS, 2004 e 2008). Sendo fundamental o apoio e a ação conjunta com o GAAF. Neste sentido, um programa de desenvolvimento pessoal e social para a convivência social seria uma forma de favorecer o aperfeiçoamento dos alunos, tanto na promoção da sua liberdade responsável e cívica quanto na educação, na empatia e no respeito dos direitos humanos, assim como na abertura aos valores mínimos de convivência, no controle das emoções ou estados de ânimo, ou seja, devemos dar mais protagonismo aos alunos em relação a sua aprendizagem (formais e não formais), favorecendo a integração, convivência e relações entre pares, orientação e supervisão no cumprimento das normas de disciplina.

Reconhecemos assim que os recreios são espaços privilegiados de ações e aprendizagens, de intervenção socioeducativa, de socialização e convivência, pois é nele que as crianças interagem espontaneamente umas com as outras, fazendo com que sejam mais humanizados e dotados de estímulos motivadores. A intervenção nos recreios é fundamental para prevenir a indisciplina e a agressividade escolar, haja vista que fato dos alunos estarem ocupados com as atividades que os motivem, faz com que eles se sintam melhor com eles próprios e com os outros, controlem as suas emoções, reconheçam as suas atitudes, de modo que possa reduzir os conflitos ou brigas. Sabemos que não é só o ambiente escolar que influencia o comportamento das crianças no recreio, pois existem outros contextos de socialização que influenciam a sua maneira de ser e estar na escola. Por isso, a agressividade é um problema que faz questionar os responsáveis das escolas e obriga os professores e agentes educativos a repensarem estratégias para a prevenção das condutas disruptivas. As estratégias de educação não formal são muitas vezes úteis para fomentar a educação para os valores e para a cidadania, através dos jogos e das atividades lúdicas, de modo que o aluno aprenda determinadas condutas, saiba aceitar as normas disciplinares e, conseqüentemente, seja consciente do valor das regras para viver em sociedade (BAUTISTA, 2010).

Não podemos afirmar que a intervenção PEA teve efeitos diretos na diminuição ou na perda da agressividade entre os alunos do Agrupamento de Escola XJR. No entanto, a maioria dos alunos envolvidos esteve, naquele período de tempo, muito mais felizes no recreio, gostaram das atividades realizadas, havendo poucos conflitos. Por isso, os objetivos do PEA foram alcançados, posto que: o recreio passou a ter atividades e brinquedos disponíveis para os alunos, aumentou a supervisão daquele espaço, promoveram atividades

diversificadas estimulantes para a convivência entre pares, possibilitou a convivência e a aquisição de competências sociais e pessoais. Um dos aspetos que devem ser melhorados, em futuras intervenções, é o de realizar registos de ocorrências no recreio (painel escolar), pois a análise dos dados foi determinante para o balanço/eficácia da intervenção. O registo de ocorrências é um dado útil para avaliar o comportamento dos alunos naquele e em outros espaços na escola. Também é pertinente estendermos a intervenção a outros níveis de ensino (5º e 6º anos CEB) para prevenir comportamentos agressivos.

Por conseguinte, qualquer situação da educação é motivo para recomeçar a pensar em novas estratégias de interferência nos espaços escolares dando resposta às diversas problemáticas que atualmente existem na escola, para que assim aja uma melhora na aprendizagem escolar, promovendo, desse modo, o bem-estar de toda a comunidade educativa. Contudo, é cada vez mais importante que o sistema educativo repense a intervenção social escolar e permita a contratação de técnicos especializados (assistentes sociais, educadores sociais, animadores e psicólogos), para que assim existam recursos que fomentem novas estratégias de trabalho. Os GAAF (equipa multiprofissional) deveriam existir em todos os Agrupamentos de Escola, o que não é do atual sistema educativo português, e colaborar em planos de intervenção social e escolar. As suas funções e estratégias de intervenção foram baseadas, essencialmente, na promoção de melhores condições psicológicas, sociais e pedagógicas, de modo que possa integrar o aluno, quer a nível escolar como ao nível pessoal e familiar, utilizando para esse fim programas e estratégias inovadoras de atuação. Desta maneira, cada vez mais as escolas possuem a necessidade de ter estruturas como o GAAF, com funções mais amplas em termos psicopedagógicos de intervenção com intuito de mobilizar projetos/programas, que fomentem melhores condições aos alunos, constituindo uma mais-valia para toda a comunidade educativa. A animação como educação social (perspectiva da pedagogia social), constitui uma dimensão muito útil na dinamização da convivência escolar, na aprendizagem (não formal) em espaços escolares, como o recreio, a biblioteca e outros espaços interativos.

Referencia

BAUTISTA, J. M. **Actitud y valores**: precisiones conceptuales para el trabajo didáctico. Huelva: Publicación de la Universidad de Huelva, 2010.

CALVO, P.; GARCÍA, A.; MARRERO, G. **La disciplina en el contexto escolar**. Tenerife: Univ. De las Palmas de Gran Canaria, 2005.

CEREZO, F. **La violencia entre las aulas. Análisis y propuestas de intervención**. Madrid: Pirámide, 2009.

DE LA MORA, C. **La disciplina en el aula**. México: Aula Nueva, 2003.

ENGLANDER, E. **Understanding Violence**. N. Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

ESTRELA, M. T. **Autoridad y disciplina en la escuela**. Madrid: Trillas, 2005.

FERLAND, F. **Vamos brincar?** Lisboa: Climepsi Editores, 2006.

FERNÁNDEZ, I. **Prevención de la Violencia y Resolución de Conflictos. El Clima Escolar como Factor de Calidad**. Madrid: Narcea, 1998.

FISCHER, G. **A dinâmica social: violência, poder, mudança**. Lisboa: Planeta ISPA, 1994.

FREIRE, I. P.; VEIGA SIMÃO, A. M. 'O estudo da violência entre pares no 3.º Ciclo do Ensino Básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa'. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, 2006, p. 157-183.

GÓMEZ, M.; MIRT, V. y SERRATS, M. *Propuestas de intervención en el aula. Técnica para lograr un clima favorable en la clase*. Madrid: Narcea, 2000.

GOTZENS, C.; BADÍA, M.; CASTELLÓ, A. y GENOVARD, C. *La gravedad de los problemas de comportamiento en el aula visto por los profesores*. Barcelona: Univ. Autònoma de Barcelona, 2003.

HABER, J. & GLATZER, J. *Bullying manual de anti - agressão*. Lisboa: Casa das Letras, 2009.

KISHIMOTO, T. (org.). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. S. Paulo: Cortez Editora, 2003.

MALUF, A. *Atividades Lúdicas para a educação infantil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MÉNDEZ, I. y CERESO, F. Bullying: Análisis de conductas de riesgo social y para la salud. *INFAD- Revista Psicología - International Journal of Developmental Psychology*, 1 (1), 2010, p. 257-265.

OLWEUS, D. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Morata, 1998.

ORTEGA, P.; MINGUEZ, R. y SAURA, P. *Conflicto en las aulas. Propuestas educativas*. Madrid: Ariel, 2003.

PEREIRA, B. *Para uma Escola sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, B. & PINTO, A. (coord.). *A Escola e a Criança em Risco. Intervir para Prevenir*. Porto: ASA, 2001.

PÉREZ, J. & POZO, M. *Educar para a não violência. Perspectivas e estratégias de intervenção*. Mem-Martins: Keditora, 2007.

PUJOLÀS, P. *Aprender juntos alunos diferentes. Los equipos de aprendizaje cooperativo en el aula*. Barcelona: Eumo/Octaedro, 2004.

PUJOLÀS, P. *Nueve ideas clave. El aprendizaje cooperativo*. Barcelona: Graó, 2008.

RAMIREZ, F. *Conductas Agressivas na idade escolar*. Amadora: McGraw-Hill, 2001.

SEBASTIÃO, J. *Violência na Escola, tendências, contextos, olhares*. Chamusca: Edições Cosmos, 2010.

VEIGA, F. *A Indisciplina e a Violência na Escola. Práticas comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Prevent disruptive conduct in the 1st EB Cycle: Animation plan in the schoolyard in Portuguese

Abstract

We discuss the socio-educational intervention in a Portuguese school (grouping of schools-XJR) in the town of Castelo Branco, with the implementation of a strategic plan of Animation on the playground to mitigate aggressive acts and indiscipline of students in the first Cycle of basic education (3rd and 4th year). This case study had as its objectives: to analyze the psicoeducativos and sociological aspects of disruptive behaviors; prevent the breach of school discipline; apply a strategic plan of animation at recess to develop personally and socially the values of coexistence and citizenship; establish mediation strategies for teachers to solve conflicts. Data collection techniques were questionnaires (pre and post evaluation of Plan) students (n = 62), teachers (n = 5) and operational assistants (n = 4), enhancing the effectiveness of the plan, observations, field notes and triangulation. We found that students who were victims of aggression, at least once in the school year, but these acts diminish with schooling. The type of common assault is the push, hit, hurt, name-calling, taunting or slander, being more frequent in the schoolyard, corridors and stairs. The plan did decrease the aggression has its uses and indiscipline in students, wrapped them in playful activities and games and promoted them social skills and self-control of emotions.

Keywords: school indiscipline; disruptive behaviors; social interaction; animation; educational mediation.